

## **CENÁRIO-2: CAUTELA COM FISCAL CONTINUA, MAS DÓLAR CEDE COM REALIZAÇÃO EM DIA DE RECORDE EM NY**

A cautela com o ambiente fiscal, em meio às incertezas sobre o tamanho do programa Renda Brasil e os seus efeitos sobre as já deterioradas contas públicas, predominaram durante boa parte do dia sobre os ativos brasileiros, na contramão do clima majoritariamente positivo visto em Nova York, com novos recordes de S&P 500 e Nasdaq. Ainda assim, depois de mais uma manhã perto de movimentos contidos, o real, alinhado a outras emergentes, consolidou ganhos ante o dólar à tarde e, na gangorra recente em que costuma estar, hoje apareceu na parte mais alta, liderando o desempenho quando comparado às demais divisas. Os profissionais do mercado não encontraram uma razão única e firme para tal, mas notaram um fluxo vendedor que levou à desmontagem de posições mais defensivas após as fortes altas recentes do dólar ante a moeda brasileira, num processo de realização de lucros. No fim, a divisa americana cedeu 1,16% no mercado à vista, a R\$ 5,5272, depois de rodar na casa de R\$ 5,60 nos últimos dias. Esse movimento do câmbio conteve os juros futuros, mas não impediu as taxas de registrarem leve alta, mantendo a firme inclinação da curva. Por trás aparece justamente a questão fiscal, uma vez que o IPCA-15 de agosto, em linha com o previsto, ficou em segundo plano. O Ibovespa, que apesar das três altas consecutivas, vinha ficando aquém dos pares em Wall Street, hoje se descolou e cedeu, num misto de cautela com o quadro fiscal, após o governo adiar o anúncio do programa Pró-Brasil com realização de lucros. Petrobras, Vale e bancos figuraram na ponta negativa, levando o principal índice da Bolsa a ceder 0,18%, aos 102.117,64 pontos. Enquanto isso, novos recordes em Nova York. A trégua nas tensões entre EUA e China, após a Casa Branca dizer que o acordo comercial entre as duas maiores economias do planeta está "bem" deu suporte ao S&P 500 e ao Nasdaq. O Dow Jones, no entanto, recuou após anúncio de mudanças na composição do índice.

### **CÂMBIO**

O dólar apresentou forte inversão de direção na etapa vespertina dos negócios, o que trouxe a divisa para R\$ 5,5147 na mínima, em meio a um fluxo vendedor que abriu espaço para movimento de realização de lucros da moeda - que, ainda marcada pela alta volatilidade, no pregão de hoje mais cedo esticou até a marca dos R\$ 5,6149 na máxima do dia. Ao final da sessão, o dólar à vista fechou com desvalorização de 1,16%, cotado a R\$ 5,5272, o menor valor desde o último dia 18 (R\$ 5,4666).

"Foi um movimento ligado à moeda, e, não, a notícias, uma vez que não houve mudanças na direção da Bolsa", ressaltou Daniel Miraglia, especialista em mercados de capital global da Omninvest. Segundo ele, os dados de transações correntes e Investimento Diretos no País (IDP) vieram bem, o que, aliado à queda do dólar principalmente frente a moedas fortes, como o euro, como evidencia o índice DXY, cesta de moedas fortes ante o dólar, ajudou a criar condições para o movimento de venda. Às 17h23, o índice DXY oscilava em baixa de 0,30%, a 93.016 pontos.

De acordo com Cleber Alessie Machado Neto, da Commcor corretora, um fluxo de venda teve início no meio da tarde e puxou a realização de lucros dos investidores. "Quando vem o fluxo de venda, investidores aproveitam para deixar cair, recomprar e otimizar suas posições", disse. Para Miraglia, o nível de R\$ 5,50 para cima chama uma força vendedora de dólares porque o Brasil está exportando mais que importando. "Por isso, o resultado da conta corrente também influenciou, pois se viu que o resultado da balança foi maior que esperado", completou.

O Banco Central informou hoje que o resultado das transações correntes ficou novamente positivo em julho deste ano, em US\$ 1,628 bilhão. A balança comercial registrou saldo positivo de US\$ 7,383 bilhões em julho, enquanto a conta de serviços ficou negativa em US\$ 1,819 bilhão. Para agosto, a estimativa do BC para a conta corrente é de superávit de US\$ 2,2 bilhões.

Outros dados do Banco Central também divulgados hoje mostraram que em fevereiro, março e abril saíram do País pela via financeira um total de US\$ 31,001 bilhões líquidos. O movimento refletiu a busca de investidores estrangeiros por ativos mais seguros no exterior, em meio à pandemia do novo coronavírus. Apenas em março foram US\$ 14,862 bilhões. Em maio, esta "primeira onda" diminuiu, com a saída de apenas US\$ 882 milhões pela via financeira. Ao avaliar o movimento, Rocha afirmou, porém, que a saída menor naquele mês não se concretizou em uma reversão de tendência nos meses seguintes. Isso porque houve saídas pela via financeira de US\$ 4,742 bilhões em junho, US\$ 5,020 bilhões em julho e de US\$ 5,093 bilhões em agosto até o dia 20.

Marcos De Callis, estrategista da Hieron Patrimônio Familiar e Investimentos, lembra que os riscos inerentes à questão fiscal ainda seguem no radar e seguram a dólar nesse nível de R\$ 5,50. Segundo ele, há certo pessimismo no mercado em relação à capacidade do Brasil manter o teto de gastos intacto por causa da demanda política e o posicionamento pouco incisivo do presidente Jair Bolsonaro em defesa do controle fiscal.

"Se precificar, há 50% de o país sair desta crise pela via populista e isso justifica esse patamar de R\$ 5,60/R\$5,50, e não cai", afirmou. "O presidente não se comunica com o Congresso de forma precisa. Se não recebe sinal claro do presidente no sentido de que não abre mão do teto de gastos, o próprio Congresso não tem convicção. O mercado gostaria de ver ele se posicionar de forma firme sobre o controle das contas públicas". (Simone Cavalcanti)